

O OLHAR DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DE TEMÁTICAS RELACIONADAS À POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE, INDÍGENA E QUILOMBOLA

Valdivia Marques Pinto

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
valmats1@hotmail.com

Dinalva de Jesus Santana Macêdo

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
dinalvamacedo@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento de abordagem qualitativa, com viés etnográfico, tem como intuito apresentar as representações dos alunos acerca de temáticas relacionadas à população afrodescendente, indígena e quilombola. Assim sendo, realizou um grupo focal com alunos do ensino fundamental II do quinto ao nono ano (5º ao 9º ano) da Escola Municipal Pedro Barros Prates, bem como algumas informações recolhidas na Escola Municipal Vereador Sebastião Moreira Malheiros de ensino fundamental I que atende alunos de primeiro ao quarto ano, (1º ao 5º ano) localizadas em Mutãs, distrito de Guanambi/BA. Foi utilizada ainda como instrumento de pesquisa a observação participante das vivências dos alunos. Par a análise dos dados recorreu-se da análise de conteúdo na modalidade temática. Os resultados apontam que a escola se encontra diante do desafio de contemplar a diversidade e suas representações, nos seus currículos e práticas pedagógicas. Esse fato reflete nas concepções dos alunos que parecem que não se encontram dispostos a dialogar a respeito da população afrodescendente, indígena e quilombola, pois consideram como algo sem importância e distante de suas vivências. Isso aponta a necessidade de formação docente para trabalhar com essas questões na escola.

Palavras-chave: Alunos. Étnico-raciais. Quilombolas.

Introdução

A formação histórica, cultural e identitária do Brasil, ocorreu devido aos grupos das sociedades diversas, já que a miscigenação é caráter marcante em nosso país. O reconhecimento disso diante das relações culturais de negros, brancos e índios, é fundamental para o processo de construção de uma escola que respeite, valorize e atenda as especificidades dos sujeitos e trabalhe

a partir do seu grande papel social. Pensando nisso, é necessário conhecer como os professores vêm trabalhando com essas questões, a partir dos olhares dos estudantes, que são os sujeitos centrais do processo ensino aprendizagem.

Assim, a partir do programa de iniciação científica, surge o subprojeto com o nome: *Olhar dos alunos do Ensino Fundamental acerca de temáticas relacionadas à população afrodescendente, indígena e quilombola*, tendo como objetivo conhecer os significados e sentidos atribuídos pelos alunos do ensino fundamental às questões atinentes à população afrodescendente, indígena e quilombola em duas escolas do distrito de Mutãs município de Guanambi/Ba, que atendem alunos de comunidades diversas, incluindo alunos da comunidade quilombola de Queimadas. O município de Guanambi só possui esta comunidade quilombola, o certificado como remanescente de quilombo foi publicado no Diário Oficial da União em 09 de junho de 2015.

O presente artigo tem como proposta, apresentar a atuação como bolsista de iniciação científica, durante o período de quatro meses (Abril a julho de 2017). Esta pesquisa qualitativa de cunho etnográfico em andamento, utilizou-se de grupo focal com os alunos, observação participante e conversas informais para buscar informações sobre as escolas Vereador Sebastião Moreira Malheiros e Escola Municipal Pedro Barros Prates em Mutãs. O grupo focal foi feito apenas em uma instituição escolar, mas, como a pesquisa terá continuidade, a partir da segunda fase do programa de IC será realizado na outra escola.

A iniciação científica é uma grande oportunidade para inserir os estudantes da universidade nas atividades de pesquisa. Diante disso, é importante salientar as contribuições relacionadas ao campo pessoal, ao tratarmos de pesquisa com seres humanos, surgem momentos de interação e passamos a conhecer e relacionar com outras pessoas. Perante a sociedade preconceituosa que fazemos parte, a proximidade com as questões raciais e quilombolas contribui significativamente para revermos nossas práticas, respeitar e valorizar as diferentes culturas.

A atividade de campo ocorreu a partir de leituras das temáticas propostas pelo subprojeto, de acordo com as metas, para revisar e conhecer livros, textos e documentos que tratam das relações étnico-raciais. A construção de fichamentos foi de suma importância para o conhecimento da temática, que teve grande papel orientador nos momentos de pesquisa de campo e discussão teórica no decorrer do trabalho.

O estudo é de abordagem qualitativa, pois ao tratar de seres humanos que possuem significados, ações, crenças, valores e atitudes, se torna marcante as subjetividades que a pesquisa quantitativa não conseguiria apreender (MYNAIO, 2009). A temática da pesquisa, também envolve uma perspectiva etnográfica, pois para André (2008) compreende um esquema com o intuito de estudar a cultura e a sociedade, descrevendo-as através dos comportamentos e tudo aquilo que envolve as ações e expressões de um grupo social.

Utilizou-se de grupo focal para o trabalho de campo, que segundo Gatti (2005) é uma maneira rica de coletar dados, pois abarca a visão de realidade dos participantes, estes deverão trazer consigo experiências em comum, de acordo com o problema a ser pesquisado. Recorre-se também da observação participante que conforme André (2008), carrega esse nome por tratar de momentos do qual o pesquisador é influenciado pela situação de estudo, e acaba envolvendo-a também. A utilização do diário de campo, foi também importante para registrar elementos que conseguimos visualizar e sentir ao decorrer do processo de coleta de dados.

Diante disso, à aplicação do grupo focal como instrumento principal, enriqueceu tanto no momento de levantamento de dados como nas relações sociais e afetivas. Essa ferramenta de pesquisa como aponta Gatti (2005), tem o moderador como àquele que precisa realizar discussões para que a conversa em grupo flua, não que isso tire o foco da reunião, mas crie condições para alcançar a problemática proposta pelo tema. Assim poderá realizar análises de alguns pontos, fazer observações, situando e facilitando as trocas sociais. A partir do momento em que pudemos fazer todo esse processo, criaram-se vínculos de amizade tornando-se um momento rico e oportuno para conhecer os participantes da pesquisa.

No segundo momento, foram às visitas às instituições de ensino. O levantamento de dados na Escola Vereador Sebastião Moreira Malheiros no distrito de Mutãs, na qual estivemos presente nos dias dez (10) a vinte e dois (22) de maio, proporcionou um recolhimento de informações acerca do corpo escolar e ficha de informações sobre os estudantes. A instituição atende 348 alunos de ensino fundamental (I), do primeiro (1º) ao quinto (5º) ano da zona rural e urbana, sendo onze (11) alunos da comunidade quilombola de Queimadas. Tem um número de quinze (15) professores juntamente com a diretora, todos com formação em pedagogia e especializações, sendo apenas um (1) com magistério do ensino médio. A pesquisa terá continuidade e por este

motivo ressaltamos que o grupo focal, com os participantes dessa escola será desenvolvido na segunda fase do programa.

As visitas na Escola Municipal Pedro Barros Prates em Mutãs ocorreram nos dias dez (10) a vinte e dois (22) de maio para recolhimento de dados, e nos dias dezoito (18), dezenove, vinte quatro (24) e vinte e cinco (25) de julho para a preparação e realização do grupo focal. A instituição atende alunos de ensino fundamental II e Educação de Jovens e Adultos, do quinto (5º) ao nono (9º) ano. A pesquisa ocorreu com o intuito de obter dados sobre os discentes, o número de professores, funcionários e suas formações e também, quantidade de alunos específicos que residem na comunidade quilombola de Queimadas em Mutãs. Realizamos um levantamento com número de discentes, docentes, funcionários e dados sobre os estudantes quilombolas como nome, endereço e responsáveis legais como constavam nas matrículas. A escola recebe quinhentos e oitenta (580) educandos dos turnos matutino e vespertino, sendo onze (11) da comunidade quilombola.

O primeiro momento de encontro com os alunos ocorreu no dia dezoito (18) de julho de 2017, conversamos com os que cursavam no quinto (5º) ano vespertino onde se concentra maior parte dos estudantes da comunidade de Queimadas, explicamos o objetivo da pesquisa e a importância da participação deles, entregando o termo de consentimento livre e esclarecido para que seus responsáveis assinassem. De primeiro momento percebi que eles se interessaram pela pesquisa, por acreditarem que estaríamos relacionando o estudo com a Capoeira que é algo fortemente presente em suas culturas. Explicamos novamente, logo, compreenderam e aceitaram participar. Convidei também, alunos do sexto (6º), oitavo (8º) e nono (9º) ano de várias comunidades. Retornei dia dezenove (19) para recolhimento dos termos.

Esses meninos se interessam bastante pela Capoeira e a primeira impressão que tiveram quando foram chamados para participar do grupo focal, ao ser mencionado a temática já acharam que trava-se de apresentar a capoeira em outro lugar. E logo foram chamando os outros colegas que também faziam parte da equipe da dança (Diário de Campo, 18 de junho de 2017).

Em seguida, foi realizado o grupo focal nos intervalos das aulas, tomando por base as instruções da minha professora orientadora e as leituras do livro: **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas** de Bernardete Angelina Gatti. A primeira seção ocorreu em uma

segunda feira, dia vinte e quatro (24) de Julho de 2017 com duração de trinta (30) minutos. A segunda aconteceu em uma terça feira, dia vinte e cinco(25) de Julho de 2017, também durante trinta (30) minutos. O grupo focal contou com a presença de doze estudantes de treze a dezesseteanos, que residem tanto na comunidade de quilombola de Queimadas, como em outras comunidades circunvizinhas.O propósito foi conhecer as atribuições tanto dos quilombolas, quanto dos não quilombolas sobre as questões étnico-raciais.

É importante ressaltar, que o tempo utilizado foi de acordo com a disponibilidade do diretor e de professores da escola, e por esse motivo não tivemos a oportunidade de prolongar as seções. Entretanto a durabilidade do tempo, foi suficiente para conseguir os dados considerados essenciais para a pesquisa, já que tiveramvários momentos de observações, tanto durante a realização de uma pesquisa de campo para outro componente curricular do curso de Pedagogia, quanto no momento de conversas informais realizadas no âmbito escolar, diante do convite para participação do estudo e do recolhimento dos termos de consentimento. E por esse motivo não prejudicou o andamento da pesquisa, nem seus objetivos.

Contamos com a presença e colaboração de duas amigas e colegas da universidade como relatoras, essas que serão futuras bolsistas de minha orientadora. À medida que eu ia facilitando as interações e propondo perguntas aos participantes da pesquisa, as mesmas observavam as reações e anotavam os diálogos no diário de campo. A ajuda das relatoras proporcionou uma maior flexibilidade diante da atividade com o grupo, sem perder os objetivos propostos, pois ao tratarmos de adolescentes a partir de treze (13) anos, o foco de atenção desses é disperso facilmente por motivos diversos.

O primeiro dia de grupo focal ocorrido em uma sala de vídeo, disponibilizada pela direção foi realizado com o intuito de apresentação e algumas atribuições. Colocamos a sala em círculo, mas curiosamente apenas os meninos da comunidade de Queimadas sentaram no canto da sala e fora da roda de conversa, entretanto não impediu que fizéssemos outro círculo juntamente a eles, pois o intuito era visualizar a todos. Apresentamo-nos e em seguida solicitamos a cada um que se apresentasse. Passamos uma lista de frequência para assinarem seus nomes e procedemos com a conversa sobre sua relação com o primeiro dia de aula na escola, suas auto declarações de cor, a

profissão que almejavam seguir, o sentimento de beleza sobre si mesmo, relatos e colocações em relação a algum preconceito.

O segundo dia assim como o primeiro foi realizado após a merenda. Os estudantes sentaram-se nos mesmos locais que haviam sentado no dia anterior. Com a ajuda das relatoras, entregamos a lista de presença novamente e após o término da escrita começamos com as perguntas. Abrimos diálogo sobre a relação deles com a família, e assim entramos na parte central da pesquisa. Perguntamos a respeito das temáticas indígenas, da população negra, sobre a África e quilombolas, em quais disciplinas eram trabalhados os temas e quais conteúdos eram colocados diante dessas culturas. Ao responderem, íamos observando suas reações e constatamos que não demonstravam interesse positivo ao falar sobre os assuntos mencionados.

Após o término da conversa, agradecemos de maneira geral por terem feito parte de um momento muito importante no nosso campo acadêmico e pessoal. Socializamos as informações coletadas com a entrega de chocolates aos alunos, como forma de carinho e agradecimento. Ressaltamos que todas as falas foram anotadas e observadas. Não houve nenhuma alteração nos diálogos e as informações colhidas contribuíram de forma significativa para a pesquisa.

Os desafios da instituição escolar para o trabalho com as questões raciais

A escola trabalha com diferentes atores sociais, pois é formada por pessoas dotadas de significados, subjetividades, histórias e culturas diversas sejam elas de raça, etnia, cor, gênero, etc. Diante disso, a construção de um âmbito educacional que trabalhe a partir das especificidades dos sujeitos, valorizando e reconhecendo suas identidades se encontra em desafio.

Estamos como educadores e educadoras desafiados/as a promover processos de desconstrução e de desnaturalização de preconceitos e discriminações que impregnam, muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil, as relações sociais e educacionais que configuram os contextos em que vivemos (CANDAUI, 2012, p.246).

A partir dos dados coletados, através do grupo focal com o intuito de conhecer o olhar dos alunos acerca do trabalho da escola com as culturas afrodescendentes, indígenas e quilombolas, é

perceptível que o trato pedagógico da temática se dá de maneira superficial e pontual, pois são tratadas como temas relacionados, apenas à escravidão na matéria de história e durante a comemoração do dia da consciência negra. Assim como Santomé coloca (2005), esse currículo é chamado de turístico, pois, o trato com as culturas supracitadas é breve, limitado e pontual (apud Macêdo, 2008).

Durante a realização desta atividade, referente à atribuição de beleza, a grande maioria disse não se sentirem bonitos e conforme suas expressões mostravam-se envergonhados ao falar sobre isso. Segundo uma aluna ela não se sentia bela, porém tinha uma parte de seu corpo que gostava e outro aluno completou “*são os seus olhos*” e ela confirmou que sim. Logo, foi notável que o olhar desses alunos acerca de sua autoestima está intimamente ligado à concepção que outras pessoas têm deles. Segundo (MACÊDO, 2008, p.101) “as origens sociais da autoestima estão relacionadas com a atratividade que um indivíduo exerce sobre o outro”.

Nessa perspectiva, ao perguntar sobre a atribuição de cor, a heterogeneidade foi marcante, as diferenças se estabeleceram e confirma o fato de que a escola é lugar de pluralidade social. Alunos se consideraram “amarelo”, “vermelho”, “moreno escuro”, “moreno (a)”, “moreno claro”, “negro”, “galego”, “pardo”. E isso continuou em relação às visões, atribuições e concepções dos mesmos acerca de suas expectativas de vida, foi grande o número de respostas dos alunos que não sabiam quais profissões gostariam de exercer. Embora, alguns alunos muito seguros citaram profissões como: policiais, advogado, médico, professor de judô e segurança, o que prevaleceu na discussão foi à dúvida que profissão deveria ter.

O âmbito escolar é marcado por identidades diversas, não apenas por tratar-se da relação de cor, mas de diferentes subjetividades de lidar com as questões familiares, trabalhos futuros, como também na maneira como se falavam e expressavam. Para (GOMES, 2005, p.3) “a identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais”.

O modo com que esses estudantes se articulavam, agiam e conversavam entre si, representa notadamente uma maneira de identificar-se em prol de estabelecer seu lugar e por este motivo debatiam mesmo que sorrindo, suas ideias. Neste sentido sinaliza que as disparidades estão presentes nos âmbitos educacionais, Gomes (2007) aponta que a diversidade faz parte do

desenvolvimento humano, tanto de maneira cultural como biológica. É vista e manifestada através de saberes, práticas, linguagens, concepções de mundo e isso implica as diferenças. E é por esse motivo que precisamos observar como essa diversidade vem sendo colocada nos currículos escolares.

Atentar-se ao trato com a diversidade nos ambientes educacionais é um grande ponto para trabalhar a favor da base do ensino aprendizagem que são os alunos. A importância de reconhecê-los como seres construtores de suas personalidades, sem a imposição de moldes a serem seguidos, para a aceitação e valorização de suas identidades étnico-raciais. Como afirma Gomes (2001) a escola precisa superar a relutância de enxergar a diversidade, pois ao aceitar que a diferença tenha seu espaço é garantir que a educação é para todos e certamente é um direito social.

A partir disso, dando prosseguimento ao grupo focal, ao tocar no assunto do preconceito a maioria dos estudantes expressava timidez. Grande parte disse não ter sofrido nenhum tipo de ideia pejorativa nem na escola ou no âmbito familiar. Alguns alunos disseram ter sofrido práticas discriminatórias e apontaram como algo ruim e sem graça. Observamos então que o preconceito está presente nas relações estabelecidas na escola, principalmente com os meninos da comunidade quilombola, assim como retrata um dos alunos. Quando perguntado se alguma vez foi alvo de atitudes preconceituosas na escola, ele respondeu “Sim, dos meus colegas”. Isso reforçou o que presenciamos na sala de aula onde estuda o referido aluno.

Tivemos a oportunidade de fazer algumas observações na sala de aula em que os meninos da comunidade Queimadas estudam, são repetentes e sofreram alguns comentários pejorativos de um de seus colegas como: ‘olha lá os quilombolas’, atribuindo o fato de ser quilombola como algo ruim (Diário de campo, 24 de julho de 2017).

Essas ações evidenciam a urgência da escola trabalhar com as questões quilombolas, de maneira que o respeito às subjetividades dos sujeitos da comunidade, comece a aparecer no cotidiano âmbito escolar, o que certamente contribuirá para a desnaturalização do processo de ideias e atribuições dos quilombolas ao negativo e inferior. Ainda, que os próprios participantes do grupo focal não revelem discursos de ódio, é evidente a naturalização de atitudes que dizem respeito à história dos afrodescendentes.

As Diretrizes da Educação Escolar Quilombola para a Educação Básica explicitam que todas as escolas que atendem alunos oriundos de comunidades remanescentes de quilombo assim como a escola em foco, precisam levar em consideração aspectos simbólicos, culturais, históricos, territoriais que estejam sempre de acordo com o respeito e a valorização das especificidades desses estudantes. Pautando-se em princípios que afirmam a garantia dos direitos humanos, logo, diz respeito à diversidade, liberdade, igualdade, ao conhecimento e o reconhecimento dos povos quilombolas, superando o racismo e promovendo o bem de todos. (BRASIL, 2012).

Diante da conversa sobre preconceito o grupo focal foi realizado em meio à “apelidos” entre os alunos. “Tem um tição preto me chamando de Kiriku”, “me chamou de pescoço queimado”, “orelha de tilápia” “tição preto”, “cabelo de enchú”, “girafa”. A forma com que eles encaravam tais palavras não parecia afetá-los, sorriam e levavam de maneira habitual, como se fossem atitudes “normais” se apelidarem de tal modo.

Para Macêdo (2015) “é pertinente considerar que essas representações negativas dos/as alunos/as em relação à estética negra, não são dados da natureza, são construídas culturalmente em nossa sociedade” (p.168). Tais práticas não ocorrem apenas com os oriundos da comunidade quilombola de Queimadas em Mutãs, mas, também com estudantes de outras comunidades quilombolas como apresentado na pesquisa de Macêdo (2015)¹.

É inevitável discutir que tais práticas agridem e desvalorizam a população negra, mesmo que de uma maneira mascarada através de atitudes consideradas “engraçadas” nos âmbitos sociais. Para Gomes (2005) “[...] na forma como o brasileiro e a brasileira expressam o seu sentimento e o julgamento das pessoas negras confirma a lamentável existência do preconceito racial entre nós” (p.54). Ainda, Gomes (2002) aponta que a identidade de uma pessoa também é definida através das representações do seu corpo, e a escola ao impor modelos a serem seguidos, acaba não contribuindo para a diminuição de ações discriminatórias presentes no âmbito educacional.

¹A referida informação se encontra presente na tese de doutorado: “Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais” da professora Dr^aDinalva de Jesus Santana Macêdo ano 2015, no tópico: “5.1.7 O trabalho das escolas com as questões étnico-raciais, a história e cultura quilombola: o que dizem os/as alunos/as”. Páginas 163 a 169.

A temática afrodescendente, indígena e quilombola e seus lugares no currículo

Prosseguindo a discussão como os alunos, a respeito da cultura africana, indígena e quilombola, a grande maioria sinalizou pouco conhecimento sobre essas temáticas. Quando a pergunta foi reformulada, mencionando as palavras: “negros e índios”, alguns expressaram conhecimento, muitos alunos continuaram dizendo que não sabem esses assuntos. Quase todos os estudantes da comunidade quilombola de Queimadas não se dispuseram a falar sobre essas questões. Porém, apenas um disse: “escravo, só isso”. Em meio a essas atribuições outra ideia surgiu: “Penso que é importante! É cultura não é não?”.

Nessa mesma perspectiva, ao dialogarmos sobre quais matérias estudavam sobre a África, a história e a cultura dos índios e quilombolas e quais conteúdos foram trabalhados, metade do grupo ressaltou que a temática é trabalhada na matéria de história e os assuntos mencionados relacionavam-se à escravidão. A outra metade do grupo sorria entre si e não mostrava nenhum interesse a respeito do tema, repetiam uns para os outros: “Não sei nem o que é isso”, “não sei”. Diante disso, constatamos que de acordo com as expressões, sorrisos e falas, a concepção que esses alunos têm a respeito das culturas étnico-raciais e quilombolas, como se fossem assuntos distantes de suas vivências.

Nem mesmo os meninos da comunidade quilombola de Queimadas se referiram sobre a sua cultura. A observação que fazemos, é como se eles não se sentissem parte dos quilombolas. Não se reconhecessem enquanto pertencente de uma comunidade remanescente de quilombo (Diário de campo, 25 de Julho de 2017).

Os dados evidenciam que o trabalho realizado pela instituição de ensino em relação a esses grupos sociais diversos, tem sido de maneira tão breve que falar sobre o assunto parece pouco importante aos olhos dos alunos. O fato é que a escola pare traar a história da população étnico-racial e quilombola a partir de um olhar folclórico que se encontra naturalizado. Tais colocações contribuem para uma visão etnocêntrica e estereotipada desses grupos na sociedade e conseqüentemente a não aceitação deles ao seu pertencimento étnico-racial.

Diante desse cenário, a escola é desafiada a romper com esta visão folclórica e etnocêntrica de currículo e de prática pedagógica. Assim, sendo urge não apenas incluir essas temáticas na escola, mas trabalhar numa postura crítica para que não desconheça e nem desconsidere a relevância de se discutir aspectos, que muitas vezes contribuem para a prática de ações que omitem uma trajetória de lutas e resistências presentes na identidade dos grupos diversos (CANEN, OLIVEIRA, 2002).

Ademais, isso exige que o trabalho pedagógico contemple a diversidade e suas representações. Gomes (2007) nos diz que “a diversidade indaga o currículo, a escola, as suas lógicas, a sua organização espacial e temporal” (p.41). Entretanto, o desafio e a dificuldade de lidar com as diferenças têm tomado conta dos ambientes educacionais e impedido a desconstrução de ações consideradas homogêneas.

Diante disso, para a construção de uma escola que contribua para a quebra de preconceitos, discriminações e visões etnocêntricas, precisamos primeiramente como aponta Gomes (2007) observar de que forma tem sido tratada a diversidade. Assim, devemos salientar a importância de se construir um currículo intercultural que dialogue com essas questões de maneira contextualizada e reflexiva, pois na escola os alunos estão construindo as suas identidades. Como afirma Silva (2003) o currículo trata-se de um documento de identidade que possui aspectos relacionados à sociedade em que vivemos e é por este motivo que sua construção tem relações de poder. Sua estruturação que leve em consideração uma visão crítica e que questione como foram atribuídas as relações de raça e etnia poderia contribuir para o processo de desnaturalização do racismo.

Desta forma, podemos concordar com as ideias de Moreira e Candau(2007) quando ressaltam a necessidade de se discutir sobre existência e estrutura do currículo de maneira frequente, pois tal ação está intimamente ligada à criação de uma escola com currículos mais abrangentes, acolhedores e contextualizados. Esse desafio exige um outro paradigma de formação docente, pois se essa elaboração requer o educador como um dos grandes responsáveis, seu papel urge a indispensável visão crítica e reflexiva, que vá para além das universidades e dos espaços da educação básica, dialogando com os movimentos sociais, a exemplo dos quilombolas, dentre outros sujeitos.

Considerações

A etapa da iniciação científica até aqui além de proporcionar uma experiência significativa para a formação acadêmica e pessoal, diante da realização do grupo focal na Escola Municipal Pedro Barros Prates em Mutãs, trouxe também novos olhares acerca das relações étnico raciais e quilombolas e através dos resultados coletados e discussões construídas ao longo do estudo, pode-se dizer que os alunos da instituição escolar pesquisada não se encontram dispostos a discutir sobre a temática da cultura africana, indígena e quilombola.

Essa questão pode estar relacionada à dificuldade que a escola tem de inserir esses assuntos de maneira habitual e contextualizada em suas práticas pedagógicas e em seus currículos. Trabalha a trajetória de negros e quilombolas apenas na perspectiva da escravidão no componente de história e em comemorações anuais. Apesar de tanta heterogeneidade, multiplicidades e pluralidades sociais presentes no âmbito, a escola tem tido dificuldades de trabalhar a diversidade e suas representações. Assim, a existência do preconceito mesmo que de maneira sutil e mascarada tem feito parte das falas, expressões e relações sociais. Isso pode estar acarretado a visão de inferioridade do negro presente nas relações escolares, bem como a negação dos estudantes quilombolas à sua cultura e seu pertencimento racial e histórico.

Diante desse cenário, devemos reconhecer a urgência de olharmos o processo de ensino aprendizagem e o caráter social da escola com uma visão mais crítica e mobilizadora. Candau (2012) nos diz que precisamos rever nossas práticas e questioná-las, já que muitas vezes vão de encontro a um caráter etnocêntrico que acabam presentes tanto nos discursos educacionais quanto nos currículos escolares.

A pesquisa terá continuidade e as considerações realizadas até aqui serão aperfeiçoadas. Ressaltamos que o programa de iniciação científica traz benefícios imensuráveis ao estudante universitário. Assim, destacamos as contribuições que a pesquisa proporcionou: o aprofundamento da temática apresentada, a construção de novas relações sociais a partir da realização do grupo focalizado, a experiência de discutir cientificamente com autores renomados através da escrita e a oportunidade de crescer academicamente no processo de graduação. E por isso a importância de novas bolsas, para que outros estudantes sejam contemplados.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática escolar**. 15. ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**, Brasília, DF, 2012.

CANAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012.

CANEN, A; OLIVEIRA, A.M.A. **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso**. *Revista Brasileira de Educação*. n.21. set-dez. 2002.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. 2005. Disponível em: <<<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>> Acesso em: 09/08/2017.

_____. Educação Cidadã, Etnia e Raça: O trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-Racismo na Educação Repensando Nossa Escola**. São Paulo: Summus, 200.(p. 83- 95).

_____. **Indagações sobre currículo/ diversidade e currículo**. 2007. Disponível em: <<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>>> Acesso em: 10/08/2017.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?**.2002.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 11/08/2017

MACÊDO. Dinalva de Jesus Santana. **Currículo Escolar e a Construção da Identidade Étnico-racial da Criança e do Adolescente Quilombola: um olhar reflexivo sobre a autoestima**. 2008.

144 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2008.

_____ **O. Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA:** indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. 2015. 217 f. **Tese** (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa Social Teoria, método e criatividade. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo:** currículo, conhecimento e cultura. Organização do documento: JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.